

NOTÍCIAS

LATIM NO ENSINO BÁSICO UM PROJECTO SURPREENDENTE

Não é recente, mas há notícias que, mesmo não sendo recentes, merecem a nossa atenção.

Um projecto inovador está a ser levado à prática em algumas escolas londrinas. Crianças do ensino básico aprendem latim desmontando o preconceito de que 'o latim é para as 'elites''. Uma dessas escolas publicou na internet um filme sobre o projecto *inspirations verbatim: latin in Primary school* cujo endereço indicamos abaixo. A Selwyn Primary School segue a política de uma 'educação inclusiva', empenhada no sucesso de todas as crianças com necessidades educativas especiais que a frequentam. Grande parte dos seus alunos tem o inglês como segunda língua, muitos têm problemas de dislexia, perturbações de desenvolvimento e comportamento, outros são sobredotados ou têm necessidades específicas afectivas e sociais. Ao ensinar latim a estas crianças, complementando o ensino da língua e da gramática com a abordagem da cultura romana, os professores do projecto estão convencidos de que fornecem a estas crianças uma ferramenta importante para futuras aprendizagens, para além de as ajudarem a dominar melhor a(s) linguagem(ns), a aprofundar o conhecimento do vocabulário, a equacionar problemas, mesmo a construir positivamente a sua auto-estima.

No 'latin club' da Selwyn Primary School, depois do intervalo do almoço, grupos pequenos fazem uma abordagem da gramática sempre por meio de conteúdos que se revelaram atractivos. A cultura romana e o mundo antigo exercem sobre as crianças e adolescentes um fascínio irrecusável e o ensino individualizado facilita a abordagem das regras gramaticais. As novas tecnologias com os exercícios interactivos online facilitam a assimilação. Os jogos, mas sobretudo as pequenas dramatizações dos textos constituem uma outra ferramenta importante nesta aprendizagem do latim como uma 'língua viva'.

Não são apenas latinistas os envolvidos neste projecto. Para além dos professores que dominam o latim, o projecto conta com um actor que introduz os alunos na linguagem da representação. Numa das escolas, a West Ham Church School, o próprio professor, que não tinha qualquer formação em

latim, faz o seu percurso de aprendizagem desta língua com os alunos, mediante a ajuda de um curso de latim online.

Uma das professoras (latinista) entrevistadas afirma que foi uma verdadeira descoberta esta nova maneira de ensinar latim às crianças e que viu com este projecto 'abrir-se de novo uma porta que julgava já fechada para sempre'. E nós os 'românicos', seremos (in)dignos herdeiros da língua latina? Será impossível dar asas a projectos semelhantes entre nós? Enquanto não vem a resposta vale mesmo a pena ver o filme: <http://www.teachers.tv/videos/3474>.

CARLOTA MIRANDA URBANO

ARISTÓFANES EM CENA: 'A CIDADE', NO PALCO DO TEATRO S. LUIZ

'A Cidade', espectáculo levado à cena pelo Teatro da Cornucópia, no palco do Teatro S. Luiz, em Lisboa, entre 14 de Janeiro e 14 de Fevereiro de 2010, reuniu uma antologia de excertos de distintas peças aristofânicas¹, ilustrativa da actualidade de temas, situações e figuras nas cidades do mundo contemporâneo, desde questões relacionadas com o desejo de paz, ou com os métodos de educação, até à demagogia política e à tentativa, mesmo utópica, de corrigir os defeitos sociais. Deste modo, o resultado da mescla empreendida pautou-se por umnexo perceptível mesmo para quem não conhecia as comédias de Aristófanes, tradutor da complexidade e da agitação usuais em qualquer *polis*.

Luís Miguel Cintra, responsável pela adaptação e colagem de textos e encenador da peça, embora não sendo um classicista, tornou-se um leitor informado sobre o teatro de Aristófanes e apoiou-se também, para a concretização do seu projecto, na oportuna intervenção de uma especialista em Comédia Grega Antiga, Maria de Fátima Sousa e Silva, imaginando interessantes combinações entre passado e presente, propiciadoras da reflexão que pretendia desencadear nos espectadores coevos.

¹ *Acarnenses, Cavaleiros, Nuvens, Paz, Aves, Lisístrata, Mulheres que celebram as Tesmofórias, Mulheres no Parlamento, Pluto.*

A *performance*, não subserviente aos originais aristofânicos, actualizou os textos clássicos, nomeadamente através da inclusão de apontamentos da cultura portuguesa, no intuito de chegar a um público moderno, mas revelou-se atenta à natureza da Comédia Antiga.

Naturalmente, 'A Cidade' motivou reacções díspares nos espectadores, resultado de expectativas e sensibilidades diferenciadas, mas a presença regular do público deu sinal do acolhimento que um texto da Atenas do séc. V a. C. mantém na nossa experiência actual.

SUSANA HORA MARQUES

A ANTÍGONA DE SÓFOCLES NO PALCO DO TEATRO NACIONAL DE S. JOÃO

Entre os dias 26-28 de Março e 7-23 de Abril de 2010, o Teatro Nacional de S. João, no Porto, apresentou a *Antígona* de Sófocles, com encenação e cenografia de Nuno Carinhas e tradução de Marta Várzeas.

A abrir a cena, uma impressionante estrutura forrada a cortiça, semelhante a um hemicírculo no que diz respeito à forma, surpreendia desde logo os olhos do espectador, constituindo-se como uma imagem sugestiva da aspereza com que os ânimos humanos se debateriam nesse espaço ermo em que um fantástico elenco de actores faria ouvir de modo claro sucessivas questões, argumentos e contra-argumentos.

No sopé dessa estrutura surgiria a jovem Antígona, angustiada, é certo, mas determinada nos seus propósitos, ainda que eles implicassem a sua própria morte; no topo deambulava entretanto o enorme e prepotente Creonte, novo monarca de Tebas, o mesmo homem que, atormentado entretanto por uma dor profunda, haveria de concluir a peça na parte inferior do cenário, anteriormente calcorreada pela sobrinha.

Actores, texto, cenário, notações musicais, luz, guarda-roupa seleccionados combinaram-se na perfeição para oferecer ao público coevo um espectáculo belíssimo, onde foi possível reconhecer a actualidade de temas e de situações, seja o conflito entre distintos tipos de *nomos* ou de *philia*, seja o confronto entre diferentes sexos e idades.

SUSANA HORA MARQUES

A EXPOSIÇÃO *THÍASOS EM TRAJES DE CENA* SOB OLHOS TRANSMONTANOS



Máscara criada por Eduardo Mendes para *Os Heraclidas* (produção do Thíasos de 2001).
Foto: Claudio Castro Filho.

Esteve patente no Museu Municipal de Vila Pouca de Aguiar, entre 16 e 26 de Março de 2010, parte do acervo de indumentária e adereços do grupo Thíasos. A exposição *Thíasos em trajes de cena: figurinos e adereços de teatro clássico* levou a Trás-os-Montes – nomeadamente ao Museu de Vila Pouca de Aguiar –, roupas, máscaras, objetos de cena, livros, imagens. Trata-se de elementos que, afinal, materializam a história do grupo de teatro integrante do Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra. Com curadoria de Ana Seíça Carvalho e Carlos de Jesus, contando ainda com a coordenação científica de Luísa de Nazaré Ferreira, a exposição ocupou por inteiro a sala de mostras itinerantes do Museu, onde foram passados em revista seis espetáculos das já quase duas décadas de atividade do grupo universitário.

Dos espetáculos *Os Heraclidas* de Eurípides (produção de 2001) e *As Traquínias* de Sófocles (2003), ambos encenados por Delfim Leão, a exposição mostrou sete dos trajes concebidos por Luísa de Nazaré Ferreira.

Já o figurino de *Teócrito e Virgílio*, espetáculo encenado e vestido por Carla Braz e Carlos de Jesus, rememorou as mulheres em procissão ritual que o público pôde assistir no espetáculo de 2005. Também Braz e Jesus encenaram, em 2006, *As Suplicantes* de Eurípides, cujo figurino da personagem Etra representou o guarda-roupa do espetáculo, então criado por Maria João Antunes. De *As Vespas* de Aristófanes (2006), encenação de Carlos de Jesus, esteve à mostra a vestimenta de Filócleon, concebida por Ferreira conjuntamente com o próprio encenador.

Entre as máscaras, estiveram expostas as criadas por Eduardo Mendes para *Os Heraclidas* e que, no espetáculo, vestiram o coro (foto). Além delas, a exposição contava com as máscaras em dupla-face de Clitemnestra e Crisótemis – do espetáculo *Electra* de Sófocles –, criadas conjuntamente por Manuel João Vieira e a encenadora Cristina do Aído. Estimulada ainda pelo caráter eminentemente formativo do Museu, a mostra do Thíasos deu a conhecer também boa parte das publicações que atravessam sua história, pondo à disposição dos visitantes uma estante em que era possível consultar os textos encenados pelo grupo, nas edições de bolso do Festival Internacional de Teatro de Tema Clássico, assim como o livro comemorativo da primeira década do mesmo festival: *Dez anos de Teatro de Tema Clássico*, de Carlos de Jesus e Luísa de Nazaré Ferreira.

Como encerramento da mostra, o Thíasos levou à cena, no próprio Museu de Vila Pouca, o recital *Anacreontea, pintar com vinho as setas do amor*. Criado a partir dos poemas compostos à maneira de Anacreonte, em tradução de Carlos de Jesus, o recital contou com a atuação de Ana Seíça Carvalho e Lia Nunes, que assina a encenação. Integrando a vertente de atividades pedagógicas mantidas pelo Thíasos, não se pode negar que *Thíasos em trajes de cena*, em todos os seus desdobramentos, representa um contributo e tanto à memória e à reflexão em torno da prática teatral universitária, assim como em torno dos percursos do teatro clássico em solo português.

CLAUDIO CASTRO FILHO

SOBRE A ORIGEM DA COMÉDIA

A Origem da Comédia é uma associação estudantil com o propósito de agregar estudantes e jovens que de algum modo estejam ou desejem estar ligados ao filão da Antiguidade Clássica. Estar ligado à Origem da Comédia significa: colaborar para o aumento da consciência patrimonial naqueles junto dos quais a maior parte desse esforço deve ser e não está a ser feito. E é por isso que o apelo não é exclusivo aos alunos de Letras Clássicas mas também e de igual absoluto modo a alunos de outros cursos, de outros graus de ensino, maiores ou menores, que da mesma paixão partilhem. (Pois de paixão se trata; pois se trata da vivência de algo que já viu melhores dias mas pelo qual é preciso, cremos, inculcar a necessidade de dedicação.) A Origem da Comédia não pretende ser nem mais nem menos que uma pequena força que possa ajudar a aumentar as reduzidas aulas de Grego e Latim nas nossas escolas secundárias; uma força que faça um pequeno golpe de mármore na indiferença contemporânea face à cultura clássica que a atravessa, principalmente junto daqueles que mais dessa força necessitam, a saber aqueles a quem consecutivas escolhas políticas no que ao ensino diz respeito privam dum conhecimento de fundo necessário para uma auto-compreensão e para uma auto-crítica através do conhecimento da própria genealogia.

Juntar de modo interessante jovens dos vários pontos possíveis como as várias universidades do país onde alguma atenção é ainda dada às Clássicas é o nosso objectivo a médio prazo; e estar portanto sempre acessíveis a quem nos procurar ou a quem pudermos ser úteis, através da omnipresente internet — como força do bem —, entendemos como essencial. Nas semanas que há pouco terminaram fechámos as Tertúlias Pré-Socráticas, uma série de encontros destinada a dar um pouco de nós a quem de interessado houvesse, reduzindo constrições de graus: nelas participaram professores de várias universidades e grupos artísticos de Coimbra numa tentativa de dar a conhecer esse filão filosófico & científico que foi o movimento pré-socrático. E faz precisamente parte desse plano de transmissão geográfica o facto de que dentro em breve iremos colocar na rede as gravações das sessões. Nos mesmos media onde o faremos temos já os nossos blogs e páginas, onde nos dedicamos a plantar tanto as nossas reflexões e partilhas temáticas como informações relativas a actividades de disseminação da cultura clássica.

Contribuir, ser uma peça numa maior engrenagem que nos mova para fora numa apenas sobrevivência em direcção dum vivo florescer. Dificilmente poderíamos estar mais satisfeitos: os contactos exteriores têm sido sucessos, o apoio interior — colegas, professores — incondicional, e a nossa primeira actividade deixa saudades. É com essas bases que nos sentimos motivados para o próximo passo, a já quase completa integração como secção juvenil da APEC, a elaboração final dos estatutos associativos, e, claro, futuras actividades. De que tipo? Miríades de possibilidades: a primeira centrou-se no formato informal da tertúlia filosófica. Outras, de que género? Não nos prendemos ao tema: literatura, ciência, filosofia, cinema: a cultura clássica ramifica-se de modos tão múltiplos que far-lhe-emos precisamente honra se não incidirmos nos mesmos temas, nem através dos mesmos formatos. Enquanto novas actividades ou movimentos não são anunciados, para que se juntem a nós como membros ou como apoiantes das nossas odisseias, fica lançado o nosso repto sobre como se dá a Origem da Comédia. Andamos há cerca de um ano a tentar descobrir, mas numa coisa estamos já seguros: Tudo isto tem piada. O campo é fértil.

Informações de contacto:

origemdacomedia@gmail.com

<http://origemdacomedia.blogspot.com>

<http://tertuliaspresoc.blogspot.com>

MIGUEL MONTEIRO

AD FAMILIARES

Ad Familiares é um revista da responsabilidade das mais conhecidas e prestigiadas associações de Estudos Clássicos do Reino Unido e destinada aos 'Amigos das Clássicas'. No volume 38, de 2010, vem incluída uma informação, da autoria de Colin McDonald — 'Um inquérito ao ensino dos Clássicos nas Escolas: resultados de uma investigação' — que vale a pena reproduzir em síntese:

'Este inquérito, destinado aos Amigos dos Clássicos, foi desenvolvido em escolas onde se ensina os Clássicos, quer privadas quer do sector público,

com o objectivo de inquirir que tipo de valores são por elas associados ao ensino dos Clássicos e quais os problemas com que se defrontaram ao levar a cabo este projecto.

Foram remetidos inquéritos a todas as escolas do Reino Unido, conhecidas por ensinarem Latim e registadas no database da Cambridge School Classics Project (este database foi organizado através de um inquérito via telefone levado a cabo pela CSCP em 2007). Estes inquéritos iam dirigidos aos responsáveis de departamento e foram endereçados de modo a serem recebidos no Outono de 2009.

Tiveram resposta 491 desses inquéritos, de um número de 1103 escolas contactadas, ou seja, algo como 45% de respostas. Estas incluíam um total mais ou menos equilibrado com origem em escolas privadas (256) e públicas (234), o que dá uma ligeira vantagem às privadas, numa percentagem de 56% para as primeiras e 36% para as segundas.

Resultados

Latim e Grego, Língua

-95% de escolas privadas e 78% de públicas ensinam normalmente Latim.

-O ensino do Grego é muito mais reduzido: privadas 59%, públicas 15%.

-Público alvo: 93% das privadas e 65% das públicas dizem que estas disciplinas estão acessíveis a qualquer interessado.

-Três quartos dos professores de escolas públicas declararam que, se tivessem mais meios, gostariam de assumir a docência de Latim e de Grego.

-As escolas públicas têm mais dificuldades em integrar Latim/Grego nos seus horários: só 67% dos que ensinam Latim em escolas públicas o fazem dentro do horário, em contraposição à situação de todos os que o fazem no sistema privado; e só 7% no ensino público ensinam Grego no seu horário (contra 40% no privado).

-Ambos os tipos de escola estão de acordo sobre os benefícios obtidos pelo ensino destas disciplinas. O treino mental (rigor intelectual, desenvolvimento de capacidades analíticas e críticas) é considerado o melhor efeito conseguido, acima de resultados 'práticos' do tipo clareza de expressão, melhoria do conhecimento da língua materna ou de outras línguas modernas, por exemplo.

-Ambos os tipos de escola reclamam uma maior adesão das famílias, embora não haja propriamente uma oposição familiar clara. É também pedida

mais adesão dos professores de outros grupos, ainda que não haja propriamente uma oposição.

-Como principais problemas, foram salientadas as dificuldades de horário e de disponibilidade de corpo docente adequado, problemas estes mais sentidos no ensino público. Outra questão é que os estudantes tendem a abandonar estas disciplinas demasiado cedo; por isso vários questionários exprimiram o desejo de ver o Grego/Latim mais amplamente contemplado no Currículo Nacional.

História Antiga e Civilização Clássica

-A História Antiga é muito menos ensinada; só em 10% das escolas privadas e em 6% das públicas. Mas mais de metade dos docentes nos dois tipos de escola gostariam de aumentar estas percentagens se tivessem os meios necessários.

-Os benefícios mais importantes de estudar estes assuntos sentem-se 'na capacidade de entender diferentes pontos de vista', de desenvolver estratégias de persuasão e argumentação, ou qualidades intelectuais e objectividade. Estes são objectivos mais salientados do que 'compreender a sua própria história e civilização'.

-Entre os pais e os professores, este tipo de assuntos encontra grande aplauso. Os problemas são idênticos aos que se verificam com o ensino das línguas, como sejam questões de horário e falta de pessoal docente qualificado'.

MARIA DE FÁTIMA SILVA

BRAGA VOLTA A SER BRACARA AUGUSTA

Entre os dias 27 e 30 de Maio, Braga levou a cabo, em VII edição, a comemoração 'Reviver Bracara Augusta', que inunda os vários espaços da cidade de múltiplas iniciativas. Houve vários cortejos, o primeiro dos quais, funcionando como abertura oficial do evento, se configurou como 'Recepção ao Imperador'. Os serões foram ocupados com diversos espectáculos nocturnos: de fogo, música, danças exóticas, artes circenses, gladiadores e representações teatrais. Como estruturas permanentes, o programa anunciou o

Mercado Romano, a Tenda Pedagógica, o Acampamento Militar. 13 ruas transformadas em mercado proporcionaram uma oferta de produtos da região no tempo dos Romanos. Por sua vez o acampamento militar, montado no Largo do Paço, quis dar a conhecer o quotidiano dos soldados da legião romana.

Na notícia que dedicou à iniciativa, o *Público* de 28 de Maio salientava: 'Um dos momentos altos da recriação histórica acontece esta noite, com o maior desfile do evento, que se inicia na Avenida Central em direcção à praça do município. Centenas de figurantes trajados a rigor vão acompanhar o imperador e o administrador da província numa saudação à população'. Além da parte lúdica, inclusiva de toda a cidade, o evento integrou, como actividades marcadamente culturais, a apresentação de dois livros: '*Bracara Augusta*, sobre a história da cidade, da autoria de Rui Morais, e *Titus e os Legionários*, uma versão juvenil, ilustrada por César Figueiredo.

MARIA DE FÁTIMA SILVA

BRACARAUGUSTA DE RUI MORAIS APRESENTAÇÃO DE M. HELENA DA ROCHA PEREIRA

Em 1959, a Câmara Municipal de Braga editou, pela primeira vez, uma obra ilustrada, com apêndices em francês e em inglês, de um *Guia de Braga. Arte e Turismo*, no qual figurava um capítulo, da autoria de Sérgio da Silva Pinto, sobre 'Braga Romana'.

Muito se avançou, neste meio século decorrido, no conhecimento do passado de Bracara Augusta. E um momento marcante nessa evolução foi sem dúvida a criação do Campo Arqueológico de Braga, em 1976, dirigido por Francisco Alves, a que se sucedeu a vinda de arqueólogos treinados nas novas técnicas, em constante evolução.

Nessa altura, principiava a existir o suporte institucional indispensável à execução de tão grande projecto, a Universidade do Minho, criada, como todos sabem, em 1973, embora mantendo-se em regime de instalação até ao final de 1981. Entre as suas unidades culturais constava a de Arqueologia, destinada a apoiar programas de investigação, com vários projectos, entre os

quais se destacava o de Bracara Augusta. Ora essa área já em 1984 começa a editar, em colaboração com o Museu D. Diogo de Sousa, a revista *Cadernos de Arqueologia*, bem como a série das *Monografias*. Era então presidida pelo Doutor Francisco Sande Lemos, ao qual sucedeu, ainda na mesma década de 90, a Doutora Maria Manuela Martins, que viria a publicar, em 2000, em edição bilingue, o primeiro roteiro da urbe antiga, intitulado *Bracara Augusta cidade romana*.

Alguns anos depois, em 2005, o actual Museu D. Diogo de Sousa é inaugurado na sua nova e atraente forma, e dado à estampa o respectivo Roteiro, com magnífica apresentação, a ilustrar os textos dos seus nove autores, muitos dos quais se têm dedicado ao estudo da região. No capítulo inicial, a Directora fala mesmo, com toda a razão, de 'revitalização do Museu' e da sua 'forte ligação' à Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Entre os colaboradores desta obra figurava já o autor do novo livro que me proponho apresentar e que justamente acabava de se doutorar na mesma Universidade, com a tese *Autarcia e comércio em Bracara Augusta* – trabalho que, diga-se de passagem, acaba de ser publicado em versão inglesa, na colecção *British Archaeological Reports* (Oxford 2009).

Vale a pena atentar, por um momento, na invulgar preparação científica de que Rui Morais já então usufruía: um ano de estudos na Universidade de Atenas; outro na de Pisa; conclusão do mestrado em História, na variante de Arqueologia, em 1997, na de Coimbra. Aí defende a tese de mestrado, *As ânforas da zona das Carvalheiras*, tendo como orientador o grão-mestre da nossa Arqueologia, Prof. Doutor Jorge de Alarcão. Dez anos depois, já doutorado, conforme referimos, apresenta-se a provas de agregação, também na Universidade do Minho, com uma lição-síntese com o título promissor de *Unidade e diversidade cultural: o Latim como veículo de expressão privilegiado dos oleiros e o caso paradigmático da cerâmica bracarense face aos modelos provinciais*. E digo 'promissor', porque este trabalho prenuncia já um alargamento de horizontes no seu campo de estudos. Outros escritos apontam noutras direcções, entre os quais destaco os que se inclinam para a arte, como *Utopia e diálogo na Arte Grega* (Lisboa 2009) ou para grandes figuras da cultura artística portuguesa, como *Um caso exemplar: Cenáculo e o colecionismo no Portugal de Setecentos* (Lisboa 2009).

Note-se, a este propósito, que Rui Morais se tem interessado sobremaneira pela arte helénica, e em particular pelos vasos gregos, e não posso deixar de agradecer a sua incansável colaboração no meu estudo sobre

a colecção existente no Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, bem como sobre a colecção de João Allen, pertencente ao Museu Nacional de Soares dos Reis.

Mas as áreas fundamentais da sua actividade têm recaído sobre o estudo das lucernas romanas (basta recordar a sua monografia sobre *A colecção de lucernas romanas do Norte de África no Museu D. Diogo de Sousa* (2008) e sobre o de Braga romana). Desta última merece especial destaque, pela sua novidade, o 'Breve ensaio sobre o anfiteatro de Bracara Augusta', publicado na revista *Forum*, em 2001. E a razão principal da importância deste trabalho é a revelação da sua descoberta da existência dessas ruínas. É que se, nessa mesma revista, viria a ser dada notícia, em 2006, por Manuela Martins, J. Ribeiro e F. Magalhães, da descoberta do teatro romano, feita no âmbito do *Projecto de salvaguarda de Bracara Augusta* em 1990, estoura, a do anfiteatro, é da autoria do próprio Rui Morais, quando estudante de mestrado, em 1994-5, e feita nas circunstâncias que ele mesmo agora descreve:

'O anfiteatro foi por nós devidamente situado graças ao cruzamento das informações escritas, dos dados cartográficos e das fotografias aéreas mais antigas'.

E cita a seguir essas referências literárias: as do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha e as de Jerónimo Contador de Argote.

E aqui está um dos exemplos mais representativos do modo de trabalhar de Rui Morais: o recurso aos dados de autores dos sécs. XVII e XVIII, sempre que tal se mostra fidedigno e convincente. Deste modo, os cronistas modernos se vêm juntar aos escritores gregos e latinos nesta difícil reconstituição do passado.

Desnecessário será acrescentar que as obras deste nosso arqueólogo são numerosas. Contam-se por muitas dezenas as que figuram em actas de congressos nacionais e internacionais, ou em artigos de revistas científicas, nacionais e estrangeiras, ou ainda em capítulos de livros editados no País, em Espanha e em Inglaterra.

A essa produção regular vem agora juntar-se o livro que me proponho anunciar, *Bracaraugusta*, uma obra com rica documentação iconográfica, a que não faltam os múltiplos exemplos epigráficos e até os textos literários que ajudam a presentificar a vida de uma urbe com dois milénios.

Como se sabe, é sempre muito difícil reconstituir a história de uma cidade habitada sem descontinuidade, e por vezes só a conjugação de dados permite reencontrar os seus lugares principais. É o que sucede, por exemplo,

em relação ao *forum*, onde um fragmento de uma estátua equestre, com uma inscrição reconhecível e relacionável com a história familiar do primeiro Imperador Romano, e a presença, nas cercanias, de grandes bases de colunas e de capitéis apontam para a existência de um templo octastilo nesse lugar e se conjugam com dados da historiografia local desde o séc. XVIII.

É particularmente sugestiva a maneira como o livro nos é apresentado: desde o ritual solene da fundação, entre 16 ou 15 a.C. e da sua refundação, uns dez anos depois, até focar sucessivamente os mais diversos aspectos da vida de uma cidade: administração dos bens públicos, abastecimento de água, transportes, rede viária, indústria, comércio, numismática e sua relação com a política, a religião, sem esquecer uma área muito significativa: a difusão da literacia. À 'Arquitectura do Divertimento' já nos referimos, a propósito da descoberta do teatro e do anfiteatro.

Outros dados de particular interesse são os que resultam de uma identificação que o Autor fez de uma pequena imagem de bronze, encontrada na Colina do Alto da Cividade, com uma *Tyche* de Bracara Augusta. Trata-se, portanto, de uma figura miniatural, mas afim, pelo tema, daquela que surgiu na época helenística, com a representação, por Eutíquides, da *Tyche* de Antioquia. Que a ideia de representar cidades desta forma tem continuidade, sabem-no todos os que já contemplaram as estátuas monumentais das maiores cidades francesas, a darem a volta à Praça da Concórdia, em Paris.

Não pode deixar de se assinalar o constante recurso a trechos literários de autores gregos e romanos que fundamentam e esclarecem o significado dos objectos em discussão. Sempre em tradução portuguesa, são citados historiadores como Tito Lívio, Tácito e Suetónio; prosadores, como Cícero; poetas, como Lucrécio, Horácio e Ausónio; tratadistas, como Varrão e, sobretudo, Vitruvius e Plínio-o-Antigo; e ainda os gregos, como Estrabão e Plutarco.

Outro atractivo desta obra é o encanto de uma prosa expositiva ao mesmo tempo fluente, elegante e natural, própria para cativar os leitores, quer sejam especialistas, quer simples curiosos das coisas do passado. Até o último capítulo, encimado por um título proveniente de uma fórmula de estelas funerárias, serve para fornecer dados sobre as práticas dos habitantes da cidade romana de outrora em relação ao Além. Trata-se do rico espólio de uma sepultura descoberta no Largo de Carlos Amarante, a qual permite reconstituir, com grande margem de segurança, alguns hábitos da primeira metade do séc. II d. C. Para tal se transcrevem os textos de um folheto que acompanhava uma exposição itinerante organizada e descrita pela arqueóloga

Dra Manuela Delgado. Aí se pode encontrar uma sugestiva enumeração de práticas sociais do mundo antigo.

Também será instrutivo lembrar que a mesma distinta arqueóloga acabada de referir, e a quem este livro é dedicado, tem um passado de activa colaboração científica com o Doutor Rui Morais. Assim, os dois escreveram e publicaram em conjunto, no mesmo ano de 2009, um notável *Guia das cerâmicas de produção local de Bracara Augusta*. Sobre um e outro destes especialistas se pronunciam, em notas preambulares desta obra, a directora do Museu D. Diogo de Sousa, Dra Isabel Silva, e a antiga directora do Museu Monográfico de Conimbriga, e depois do Museu Nacional Machado de Castro, Dra Adília Alarcão, com a competência e autoridade que lhes são próprias. Neste contexto, apraz-me realçar, para além do valor atribuído ao trabalho científico em causa, o perfil que de ambos é traçado, quer quanto à dedicação e perseverança na investigação, quer quanto à lealdade e imparcialidade com que discutem as suas teorias. É num ambiente assim que se gera, entre todos os que trabalham em conjunto e os que com eles aprendem, um espírito de equipa que deve ser apanágio – mas infelizmente nem sempre é – de todo o verdadeiro cientista. Não menos significativa é a lealdade com que os dois autores distinguem, na ‘Nota prévia’, a participação de diversos estudantes do mestrado que com eles trabalharam neste guia. Também sob esse aspecto, estamos perante um modo de actuação tão raro como modelar. É com prazer que pomos em evidência estas qualidades, as quais igualmente sobressaem no presente guia de *Bracara Augusta*.

Também me é grato salientar que diversas iniciativas oficiais têm permitido que esta famosa cidade romana – ‘a opulenta Braga’, como lhe chamou o poeta latino Ausónio, no séc. IV da nossa era, ao catalogá-la entre as principais urbes ilustres de então – preserve e recupere uma parte do seu património de outrora: são essas o Campo Arqueológico de Braga (1976); a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho; o Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal (1992); e ainda o Projecto de Salvamento de Bracara Augusta (1999) e, num lugar à parte, o Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa.

‘Quem não sabe História é sempre criança’ e ‘a História é mestre da vida’ – escreveu Cícero há mais de dois mil anos. É com gosto que podemos verificar que os herdeiros do património cultural de Bracara Augusta sabem reconhecer a validade destes princípios.

M. H. ROCHA PEREIRA